

Ana Paula Sena Gomide
Douglas Souza Angeli
Fernando Cordeiro dos Santos
Hugo Henrique Silva
Keversson William Silva Moura
Rafaela Teixeira Nunes
(Orgs.)



Anais da
III Semana
Acadêmica
de História
da UEMG Divinópolis

TEXTOS COMPLETOS



A presente publicação reúne os trabalhos completos da III Semana Acadêmica de História da UEMG Divinópolis. Outra publicação, concomitante a esta, reúne as versões finais dos resumos que recebemos dos autores. São 58 trabalhos oriundos das comunicações ao longo do evento. O tema desta edição foi a História Regional: fontes, abordagens e possibilidades na construção do conhecimento histórico.

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS | 
UNIDADE DIVINÓPOLIS



editora  .org



Anais da
III Semana Acadêmica de História
da UEMG Divinópolis

Textos completos

**Universidade do Estado de Minas Gerais
Unidade Divinópolis**

III Semana Acadêmica de História

**História Regional:
Fontes, Abordagens e Possibilidades na
Construção do Conhecimento Histórico**

22 a 26 de fevereiro de 2021

Comissão organizadora

Ana Paula Sena Gomide

Bruno Felipe Medeiro da Silva

Douglas Souza Angeli

Fernando Cordeiro dos Santos

Hugo Henrique Silva

Jairo Paranhos da Silva

Keversson William Silva Moura

Rafaela Teixeira Nunes

Apoio

Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho (CEMUD)

Anais da
III Semana Acadêmica de História
da UEMG Divinópolis

Textos completos

Organizadores
Ana Paula Sena Gomide
Douglas Souza Angeli
Fernando Cordeiro dos Santos
Hugo Henrique Silva
Keversson William Silva Moura
Rafaela Teixeira Nunes



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GOMIDE, Ana Paula Sena et al (Orgs.)

Anais da III Semana Acadêmica de História da UEMG Divinópolis: textos completos [recurso eletrônico] / Ana Paula Sena Gomide et al (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

1089 p.

ISBN - 978-65-5917-332-7

DOI - 10.22350/9786559173327

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Semana Acadêmica; 2. História; 3. Anais; 4. UEMG Divinópolis; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

Sumário

Apresentação **17**

1 **23**

Conquista iberoamericana aos olhos de Tzvetan Todorov

Anna Ortiz Borges Coelho
Yasmim Carina Batos Ribas

2 **35**

Administradores do contrato das baleias na capitania de Santa Catarina, 1742-1835

Jeferson dos Santos Mendes

3 **50**

No museu, pode o subalterno falar

Cristiany Rocha Silva
Flávia Lemos Mota de Azevedo

4 **63**

Compartilhando histórias: a cultura de igaratinga através do programa ICMS patrimônio cultural

Fernando Cordeiro dos Santos
Flávia Lemos Mota de Azevedo

5 **79**

A expografia como recurso para uma educação identitária sul-maranhense

Wanderson Sousa Costa

6 **97**

O povo encontra o povo e ambos peregrinam: a via sacra de Monte Santo pela literatura de Cordel

Neffertite Marques da Costa

7 **112**

Memória e história da educação: possibilidades de pesquisa a partir da história oral

Tatiane Fátima de Rezende

A companhia de Jesus no oriente (Séc. XVI-XVII): através dos escritos do jesuíta Sebastião Gonçalves

Débora Sara de Andrade Mota
Ana Paula Sena Gomide

De Bartolomeu de las casas a Hernán Cortez: uma análise da conquista da América

Yasmim Carina Bastos Ribas
Anna Ortiz Borges Coelho

O controle do arcebispado da bahia sobre as associações leigas no diário de notícias (1917-1933)

Luiza Pereira de Meneses
Thaíse Lopes dos Santos

Sapateiro perde para a sapatão”: representações e resistências na imprensa paraense (1980-1990)

Júlio Ferro Silva da Cunha Nascimento

Formal ou informal? Um estudo sobre as diversas formas do trabalho culinário no Brasil

Aline de Amorim Cordeiro Viana

A balaiada e o protagonismo negro na história do Brasil Império: o caso do Negro Cosme

Marcos José Soares de Sousa

Reconstruindo mundos: arte, direitos humanos e cidadania nos Centros de Atenção Psicossocial – CAPS

Everton Roberto de Oliveira

Entre a religião e o progresso: o futuro na imprensa de Minas Gerais na virada de Século (XIX – XX)

Bernardo Victor Silva de Andrade
Flávio Raimundo Giarola
Izabela Aparecida Gontijo

16**242**

Perpectivas de longividade escolar de estudantes jovens e adultos: o papel e incentivo dos professores da EJA no Processo de Ingresso do Ensino Superior

Tatiane Kelly Pinto de Carvalho
Victor Hugo Araújo Oliveira

17**259**

Um estudo acerca da origem e história do futebol

Francielcio Silva da Costa
Francisca Valdelice Gadeia da Silva

18**275**

A história e contribuição das mulheres na formação da sociedade mineira

Izabela Aparecida Gontijo
Rafaela Teixeira Nunes

19**289**

Natureza e cultura em Philippe Descola

Renata Maia Peres

20**302**

Direitos humanos, história e memória: caminhos de justiça para as “mulheres de conforto”

Júlia dos Santos Acerbi
Vitória dos Santos Acerbi

21**317**

A representação dos trabalhadores retidos pela política de controle da migração em Montes Claros – 1930

Pedro Jardel Fonseca Pereira

22**335**

As diferentes representações do presidente Juscelino Kubitschek

André Ricardo Zimmermann da Silva

23**349**

O ensino de história entre “portas” e “janelas”: o museu, a literatura e os usos do passado

Júlio César Virgínio da Costa

24

370

Por mares internos: o emprego dos saveiros na navegação por Salvador e Recôncavo Baiano (1930-1960)

Ítalo Barbosa de Azevedo Luz

25

384

As perspectivas das pautas das mulheres negras no interior Movimento Negro Unificado (1978-1982)

Regina Célia de Oliveira

26

404

A importância da cachaça para o patrimônio cultural econômico de Minas Gerais

Andressa Oliveira Boim
Fabricia Augusta da Silva

27

424

Seguindo as perspectivas de viveiros de Castro e Latour na problematização das visões centristas

Ana Carolina Moreira Barcelos
Wendy Rabelo Silva

28

436

O ensino de história e o início da república brasileira: contribuições da obra de Lima Barreto

Raquel de Jesus Evangelista

29

454

O clero progressista no radar dos militares: considerações sobre uma pesquisa no acervo do SNI

Geovanni Rocha Junior

30

469

Senhores e alforriados: as representações da liberdade e o contínuo reiventar da escravidão – São João Del-Rei (1830-1860)

Bruno Martins de Castro

31

491

O discurso histórico na obra fílmica: a Revolução Farroupilha e a construção da identidade do gaúcho

Wanderson Oliveira dos Santos

Sexualidade e educação: emergência de diálogo em ambiente escolar

Guilherme Soares
Margareth Diniz

Usos e circulações de plantas alimentícias e medicinais no Império Português dos Séculos XVI e XVII

Rodrigo Perles Dantas

As agremiações do ar como elementos estratégicos, no governo vargas, para a construção de uma mentalidade aeronáutica voltada à juventude

André Barbosa Fraga

O jornal *Paládio* e a cidade de Itacoatiara: políticas e projetos de um jornal interiorano

Gabriel Cruz Carneiro

Futebol feminino continua: os jogos-espetáculos que burlaram o Decreto-Lei 3.199 (1941-1979)

Estefany Sales Cordeiro

Teoria e didática da história – a educação histórica e as necessidades na contemporaneidade

Desiree Costa Alves

Revolução Cubana e Igreja Católica: a construção do dissenso (1959-1961)

Thais Rosalina de Jesus Turiel

Livros como passaportes para outros mundos: possibilidades de pesquisas globais com bibliotecas locais

Luciana Cristina Pinto

40

636

Jogos possíveis em províncias portuguesas: reformas, diplomacia e interesses na Guerra do Ultramar

Arthur Franklin Ferreira Lopes
Karen Nadja Souza Morais
Orientador: Dr. Juvandi de Souza Santos

41

656

Recordar para no olvidar: como os clubes argentinos e brasileiros reagiram aos aniversários dos golpes militares em 2019 e 2020

Alexandre Vinicius Nicolino Maciel

42

675

O arquivo vermelho e a alma encantadora das ruas: preconceito sociogeográfico no Rio de Janeiro do Século XX

Alexia de Santana Rosa

43

695

Nicolas-Antoine Taunay: os desafios de um artista neoclássico no Brasil de D. João VI

Lucas de Araujo Barbosa Nunes

44

710

Nise da Silveira: memórias de sua árdua relação com o estado republicano brasileiro do Século XX

Bárbara Rodrigues do Espírito Santo

45

729

Lisístrata: pesquisas atuais, gênero, peste e a guerra na sociedade ateniense do Século V A.C.

Giselle Moreira da Mata

46

739

O advento do cinema permanente em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1916

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral
Edimar Reni Anísio

47

758

O vazio em miniatura: reflexões sobre a Plage D'Yport, de André Devambez

Octavio de Melo Pontes

Ensino de história: local e identidade social

Júlia Eduarda Dagostin
Débora Cristina Dal Molin

Dom Pedro da Silva e Antonio Caldeira: um inquisidor e um frei devassado na Sé da Bahia

João Guilherme Veloso Andrade dos Santos
Alicia Duhá Lose
Livia Borges Souza Magalhães
Lúcia Furquim Werneck Xavier

Após 13 anos do UCA, as mídias são consideradas no espaço educativo?

Luciene de Sousa Ribeiro
Maria Helena Borges

Gamificação narrativa na construção do saber histórico

Gabriel Contini Abilio

O encanto feminino dos anos dourados: a mulher nos contos darevista O Cruzeiro (1959)

Luiza Eduarda de Oliveira
Magna Lima Magalhaes

História oral e memória: o reviver dos sujeitos na história local de Itapagipe

Maria Rita de Jesus Barbosa

O crepúsculo dos Incas: bolívar e a experiência do tempo

Gustavo de Castro Belém

Ei-los que chegam!: A imigração portuguesa e a formação da comunidade de Santa Isabel na cidade de Petrópolis na primeira metade do Séc. XX

Natalia da Paz Lage

56

904

Escritos em pólvora: narrativa e representação nosperiódicos e a primeira revolta de Boa Vista

Vinícius Victor do Prado Pereira

57

923

Decolonizando o ambiente escolar: ocupações secundaristas e o questionamento das estruturascolar colonial

Felipe Silva de Freitas

58

939

George Huebner e as diferentes paisagens da cidade da borracha - vistas de Manaus 1890-1900

Bruno Miranda Braga

59

961

História institucional: Divinópolis Clube e o cenário cultural Divinopolitano

André Alcântara Aguiar
Flávia Lemos Mota de Azevedo
Piero Alípio Gonçalves Moraes

60

980

Mahnaz Afkhami: mulheres e conjuntura política iraniana na década de 1970

Júlia Carolina de Amorim Benfica

61

999

Autoritarismo vs. totalitarismo: conceituando a diferença

Anna Ortiz Borges Coelho
Yasmim Carina Batos Ribas

62

1010

“Um festin obsceno”: pertencimento clubístico e expansão socioespacial do *foot-ball* em Oliveira – MG (1920-1930)

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral
Euclides de Freitas Couto

63

1028

Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de minas gerais

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral
Cleber Dias

Historicidades e subjetividades femininas: o sagrado feminino como percepção do contemporâneo

Juliana Campos Gomides

Uma "Santa Judia" recepções culturais da filósofa fenomenóloga Edith Stein

Danilo Souza Ferreira

O ensino de história entre “portas” e “janelas”: o museu, a literatura e os usos do passado ¹

Júlio César Virgínio da Costa ²

Se o teatro da Memória é um espaço de espetáculo que evoca, celebra e encultura, o Laboratório da História é o espaço de trabalho sobre a memória, em que ela é tratada, não como um objetivo, mas como objeto de conhecimento. No museu, principalmente no museu histórico, que superou a função de repositório e dispensador de paradigmas visuais, a inteligibilidade que a História produzir será sempre provisória e incompleta, destinada a ser refeita. Daí, porém, sua fertilidade. (MENESES, 2005, p. 51).

Introdução

Esse texto tem como tema principal a análise das narrativas elaboradas pelas docentes de história da educação básica, em Belo Horizonte, a partir de práticas educativas que envolveram a relação da escola-museu-escola³ desenvolvidas em sua práxis educativa.

Busquei identificar como essas práticas foram desenvolvidas, refletidas e mobilizadas em salas de aula na dinâmica que envolve a pré-visita e o pós-visita além do trabalho sensível que envolve a questão do ensino de história, do patrimônio e da memória.

¹ A pesquisa que dá origem a esse texto foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa CAPES/REUNI.

² Universidade Federal de Minas Gerais. juliocesarhistoria@gmail.com

³ Esse texto é fruto da tese: Da prática educativa a uma educação pela prática: o ensino de história com o museu e com a literatura defendida em março de 2016 na Faculdade de Educação da UFMG sob orientação da professora Doutora Júnia Sales Pereira

As metáforas adotadas no título se referem às várias possibilidades observadas nesse percurso formativo que pude acompanhar, me encantar e refletir sobre o lugar do ensino de História na educação básica. São pontes para uma percepção que identifiquei porque essas práticas abriram as “janelas” da escola para outra gramática de leitura do mundo e das “portas” abertas do museu pelas práticas desenvolvidas que reverberaram nas salas de aula no pós-visita como elos potentes entre a memória, o patrimônio, a história e a vida que se faz presente em cada passo dado na busca de uma práxis conectada com a reflexão de Meneses (2005), conectada diretamente com o pressuposto de que “Laboratório da História é o espaço de trabalho sobre a memória, em que ela é tratada, não como um objetivo, mas como objeto de conhecimento (Idem).”

Essa análise foi balizada por vários conceitos e referenciais teóricos, dentre eles, o conceito de prática educativa desenvolvido por Antoni Zabala (2010). O autor indica que, em qualquer circunstância, é por si só, a prática educativa, um ato complexo, fruto de um processo, e que certamente não pode ser apreendido em toda sua significação. Mas, creio que seja possível uma aproximação desse processo que é cotidianamente efetivado em milhares de escolas e salas de aula de nosso país.

Essa constatação, segundo Zabala (2010), não impediria sua percepção. O que seria necessário para essa análise seria a adoção de referenciais que ajudem a interpretar o que acontece na sala de aula. Metodologias que levem em consideração outras questões que envolveram esse ato tão complexo e de tempos imbricados. Segundo Zabala (2010), práticas são momentos e processos educativos reflexivos que não podem ser reduzidos ao momento em que se produzem ou desenvolvem os processos educacionais na aula. A prática educativa, nessa visão, teria um momento anterior e outro posterior que devem constituir peças substanciais em todas as práticas educativas. São partes desse processo: o

planejamento e a avaliação e, ainda, segundo autor, são partes inseparáveis da atuação docente que acontece nas aulas. Teríamos, assim, a seguinte estrutura para uma prática de ensino: planejamento, aplicação e a avaliação.

Especialmente aqui retratado nas aulas e em entrevistas de docentes de história que trabalharam com o ensino da Pré-História brasileira na interface com a visita pedagógica ao museu de Ciências Naturais da PUC Minas e da leitura da obra: *Os Meninos da Planície: Histórias de um Brasil antigo*.

Acredito que essas práticas possam ser momentos mais instigantes e que oportunizem outras possibilidades de reflexão sobre nosso estar no tempo e ao longo do tempo. Claro que essas possibilidades não se inscrevem sem conflitos, dúvidas, tensões, diálogos, criações e recriações de sentidos, até porque creio que os estudantes não são e estão passivos nesse processo.

As escolas⁴ pesquisadas ofereceram nas práticas empreendidas e nas diversas áreas envolvidas para o despertar de outras “paisagens”, a partir da leitura da história em diálogo com a geografia, com o inglês, com a literatura, com as ciências e artes. E também expectativas criadas nos estudantes e todo trabalho formativo envolvido nessa relação que se concretiza por meio de ações, atividades, reflexões e momentos formativos na pré-visita, na visita escolar e no pós-visita ao museu.

O caminho percorrido: Metodologia

Para efeito da pesquisa, considereirei sujeitos diretos as docentes e as coordenadoras do Setor Educativo do Museu da PUC Minas. Como sujeitos indiretos, considereirei os educandos que estiveram vivenciando as práticas

⁴ Foram pesquisadas duas escolas de Educação Básica, uma da Rede Municipal e outra da Rede Privada. Duas professoras de História foram sujeitos diretos da pesquisa. Em uma escola as atividades foram desenvolvidas na turma do sexto ano, na outra, nas turmas de nono ano.

estabelecidas tanto na escola quanto no museu, suas narrativas e suas produções a partir das práticas observadas e analisadas, mas sempre a partir das intenções e propostas das docentes.

Nesta pesquisa, na qual a metodologia é entendida como “caminho do pensamento” e a prática é exercida na abordagem da realidade, procurei compreender considerando, atentamente, a natureza do objeto de estudo e sua complexidade. Para isso, procurei efetivar uma triangulação de dados: 1) Levantamento de dados – pesquisa empírica – no setor educativo do museu; 2) Observações do campo: escola-museu-escola (uso de gravações e caderno de campo); 3) entrevistas com os professores e os profissionais do museu. Foram analisadas as perspectivas que orientaram as docentes de história a abordar o museu em sua prática educativa e fundamentaram suas ações no processo de preparação e realização para a atividade da visita e para a atividade do pós-visita.

Essa análise se dá a partir dos dados coletados em entrevistas semiestruturadas feitas com os sujeitos diretos desta pesquisa (docentes) das práticas do pós-visita gravadas e transcritas nas atividades (com os sujeitos indiretos- estudantes), além da análise de práticas estabelecidas no ambiente museal e do caderno de campo que foi utilizado em diversos momentos: museu (Setor Educativo e expositivo), escolas (salas de aula e visita ao museu).

Para efeito desse artigo, focarei nas narrativas das docentes em relação às práticas desenvolvidas e suas reflexões do espaço museal como ambiente mobilizador de práticas outras, mas, em conexão com o ensino da história na educação básica e a literatura de divulgação científica.

O enredo e contexto da pesquisa

Todas essas práticas acompanhadas, gravadas e anotadas sempre se balizaram no ensino de história em conexão com o museu e literatura de

divulgação científica. Literatura essa que Segundo Luís Paulo Piassi (2010), tem sido usual, no ensino formal, o uso da ficção científica em salas de aula para promover o interesse e um estímulo para o ensino. Também essa fonte ou suporte de informação auxilia muito na contextualização para o aprendizado.

Piassi (2010) esclarece que há uma distinção entre obra de ficção científica e obra de divulgação científica. As obras de divulgação científica constituem-se, na perspectiva de Piassi e adotada nas análises apresentadas nesse texto, seriam “de ficção escritas com intenções didáticas seguindo determinados moldes – ainda que sejam muito interessantes do ponto de vista de ensino de conceitos científicos – afastam-se das possibilidades que a ficção científica especificamente traz.” (PIASSI, 2010, p. 92). Segundo o autor, essas obras estabelecem relações que são perfeitamente válidas, como no desenvolvimento do raciocínio formal, na adoção de conceitos científicos em suas múltiplas possibilidades de ligação com a realidade.

É também característica dessas obras a criação de mundos alegóricos onde determinadas leis e procedimentos científicos são reais, aplicáveis à ciência usual no mundo e nos processos educativos. Os personagens podem ser imaginários, o local onde o enredo se desenvolve também o pode ser. Porém, os conceitos e as hipóteses procedem do campo da ciência e são constatados como válidos por uma comunidade científica.

Segundo Piassi (2010, p. 96), “na ficção científica, o autor apresenta uma “mentira” como se fosse “verdade”, enquanto na ficção didática apresenta-se a “verdade” através de uma “mentira””.

O autor (2010, p. 96) afirma também que o que é realmente fundamental na adoção dessas obras em práticas escolares seria a possibilidade que elas conferem de se investigar os possíveis caminhos que

levem ao desenvolvimento de um processo de problematização, de investigação cultural ativa por parte dos envolvidos, dos estudantes.

É também um fator positivo desse tipo de obra a abordagem de questões ligadas à sociedade e às ciências sem estar ensinando ciências. É um mero artifício ou método para abordar questões científicas por outra via. Aquilo que Piassi (2010) denomina de o “prazer da leitura”. Para além dessas características, é também necessário salientar que uma obra literária de divulgação científica é considerada como agente estimulador de interesse pelas ciências porque poderá proporcionar uma contextualização mais poderosa para o estudo via ficção, estética e mais sensível, diferentemente dos livros escolares ou didáticos.

O livro⁵ *Os Meninos da Planície: histórias de um Brasil antigo* - retrata uma história ficcional a partir de elementos reais: dois fósseis de crianças de aproximadamente 10.000 anos, encontrados pelo professor Cartelle em uma de suas escavações, que se envolvem em aventuras e vivem seu cotidiano juntamente com seus familiares e sua tribo em região próxima à Belo Horizonte, especificamente, na região de Lagoa Santa e proximidades.

Ou seja, adota em sua constituição elementos de uma obra de divulgação científica. Também no enredo e contexto da obra, outros elementos, como os animais dos fósseis encontrados pelo próprio autor em suas pesquisas paleontológicas: o tigre dente de sabres, a preguiça gigante,

5 O livro do professor Cástor Cartelle, que está diretamente ligado às narrativas e práticas investigadas nesta pesquisa é muito conhecido em Belo Horizonte, na Grande Belo Horizonte e provavelmente fora de nosso Estado. Está em sua 3ª edição e atualizado conforme o novo acordo de normas ortográficas. As ilustrações da obra foram realizadas por Sandra Bianchi. O professor Cartelle além de coordenar o laboratório de paleontologia do museu é também um de seus curadores. O autor é licenciado em Letras Clássicas, Filosofia e Ciências Naturais, mestre em Geociências e doutor em Ciências. É renomado paleontólogo tendo trabalhado na Universidade Federal de Minas, onde se aposentou, e, hoje, trabalha na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. O professor Cartelle é natural da Galícia (Espanha), porém, já naturalizado brasileiro. Para além das inúmeras palestras e cursos ministrados em diversas universidades e colégios, dedica-se há muito tempo ao trabalho de defesa do meio ambiente, como membro do Conselho Estadual do Meio Ambiente do Estado de Minas Gerais. Também tendo atuação na Fundação Biodiversitas e membro do Conselho da Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte.

ogliptodonte dentre outros fósseis que estão no segundo andar do museu da PUC Minas compõem sua narrativa e em dialogia com a obra para aqueles que promovem suas práticas mediadas por esse museu.

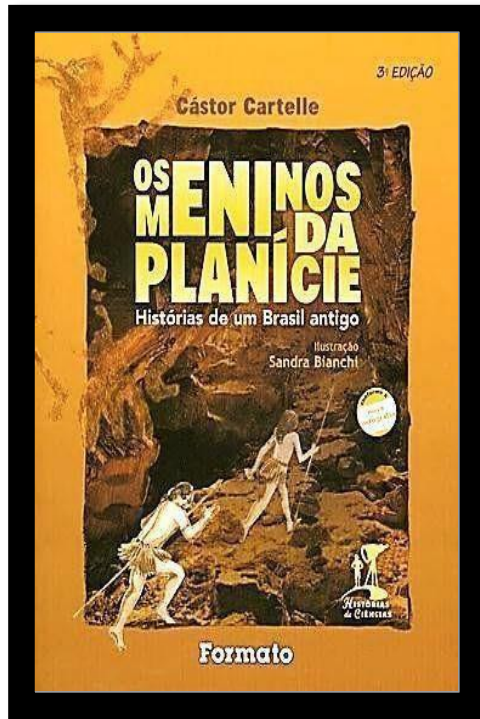


Figura 1 – Livro Os Meninos da Planície.

Fonte: Autor. 2015.

A obra – em questão – está dividida em **12 partes**, sendo que temos uma introdução e as demais partes divididas em 10 “sonhos” (estruturas narrativas) e uma visita ao laboratório. A mesma possui 71 páginas.


Por fim, e não menos importante, temos o Museu, que considero um espaço que encanta, desperta sonhos, abre portas, limiares para outras esferas e, que também, trabalha com um elemento que é constitutivo de toda práxis educativa, a estética. O lúdico que somado à alegria, como já nos alertou há muito Marc Bloch (2001, p.44), mais exatamente “a poesia

desse campo e seus gozos estéticos” não podem ser descartados nesse processo, pois é humano.

Para além desses elementos centrais para análise, temos também a parte que o constitui enquanto uma instituição de grande porte e que abriga um acervo relevante na América do Sul.

O museu da PUC Minas foi fundado no início da década de 1980 que recebe aproximadamente, cerca de 50 mil visitas por ano e é considerado um museu de grande expressão regional, nacional e internacional.

O museu reúne diversas coleções, dentre elas, as de paleontologia, arqueologia, botânica, aves, mamíferos, peixes, insetos, anfíbios e répteis. Essas coleções, segundo informativo do Setor Educativo indicado a seguir, se constituem num enorme e valioso acervo para os diversos ramos das ciências, da humanidade e nossa constituição identitária.

***COLEÇÕES** 

MATERIAL BIOLÓGICO				
Exemplares	Paleontologia	Mastozoologia	Herpetologia	Ornitologia
Tombados	50.000	2.576	16.070	1.205
Preparação	23.000	217	1.800	80
TOTAL	73.000	2.793	17.870	1.285
MATERIAL NÃO BIOLÓGICO				
----	----	----	50	1.037
TOTAL	73.000	2.793	17.920	2.322

Figura 2 - Quadro de coleções do museu da PUC Minas

Fonte: <http://www1.pucminas.br/noponto/materia.php?codigo=454&PHPSESSID=5bc384ab86eea5240b44d68e4a6cccd1>.

Acesso em 05 out. de 2015.



Figura 3 - Materiais da pré-história mineira. Parte da exposição que contempla a arqueologia. Museu da PUC Minas.

Fonte: acervo do autor. Março de 2014.

Para além dos aspectos quantitativos, é necessário salientar que esse museu desenvolve várias atividades educativas, o que foi considerado como um dos critérios de escolha desse espaço para efetivação da pesquisa, como a chamada 1) Trilha da mata; as oficinas de réplicas; 2) pinturas rupestres; 3) uma noite no museu; e 4) a escavação de fósseis na caixa de areia.



Figura 4 - Painel do pleistoceno e que retrata os personagens do livro Os meninos da planície. Museu da PUC Minas.

Fonte: acervo do autor. Março de 2014.

O museu também oferece encontros formativos mensais com os educadores em seu Setor Educativo, o Espaço do Educador, além de estar em direta referência com a temática do ensino da Pré-história brasileira.

O museu também desenvolve atividades em períodos de férias, como, por exemplo, a atividade denominada Férias no Museu. Essa atividade, realizada nos meses de janeiro e julho de cada ano, apresenta uma série de opções aos visitantes.

É diante dessa breve relato do caminho percorrido que damos início aos diálogos e dialogias que as práticas educativas observadas e aqui, em parte, trazidas para nossa reflexão.

Dialogia e ressonância entre escola e museu: os professores e suas práticas

“[...] não se trata mais de visitar o passado, e sim animar estudos sobre o tempo pretérito, em relação com que é vivido no presente. [...] Estudar a história não significa saber o que aconteceu e sim ampliar o conhecimento sobre a nossa própria historicidade. Saber que o ser humano é um sendo, campo de possibilidades historicamente condicionado e abertura para mudanças.” Francisco Régis Lopes Ramos. (2004).

Penso também que é possível entender e investigar esse espaço de memória – acepção de uma educação museal – e também de esquecimento, para além do mero complemento ou confirmação do que foi visto em aula. Acredito, também, que possa ser uma experiência/travessia e uma prática pedagógica que possa, não exclusivamente, promover uma educação para a sensibilidade, para uma postura, mais crítica e reflexiva de nossa presença no tempo ou nos tempos históricos e, como nos afirma e esclarece Pereira (2009), ser uma oportunidade para uma leitura/usufruto do mundo.

Adoto, em sintonia com os pressupostos de um ensino de história que dialogue com outros ambientes de aprendizagem e com outros suportes

informativos, como por exemplo, a literatura de divulgação científica e uma educação museal, propiciadora de múltiplas experiências e vivências que possam estabelecer ou provocar deslocamentos em relação à aprendizagem das grandezas temporais a noção de “museu-templo”.

A noção não se apresenta como um referencial teórico em si, mas sim como um aporte teórico que auxilia minha leitura do campo em conexão com os pressupostos anteriores.

Reflexões que se direcionam aos postulados de Ulpiano B. de Meneses (1994, 2005), em especial, em relação à travessia de uma concepção museal, nos quais o predomínio seria o do museu enquanto “teatro da memória” para outra gramática, o do “laboratório da História” em discussão também formulada por Ramos (2004), no tocante ao ensino de história através de “objetos geradores” e às questões acima elencadas.

Laboratório de história que teria, diferentemente da escola, uma linguagem essencialmente espacial e visual e de trabalho sobre a memória não como objetivo, mas como objeto de conhecimento e, que, segundo o mesmo autor (1994), não ignorando as tarefas educacionais do museu incluindo na mesma a fruição estética, o lúdico, o afetivo, o devaneio, os sonhos, a mística da comunicação, isto tudo, sem perdermos de vista a curiosidade. Elementos esses que já indicam características e potencialidades da adoção desses referenciais em relação à estética do sensível em Rancière (2009) e da polifonia em Bakhtin (1992).

Nessa perspectiva postulada por Meneses (2005) em dialogia com os pressupostos de Ramos (2004), haveria outra postura de trabalho nos museus com a história e seu ensino nas aulas pós-visita. Não seria mais a adoção ou concepção de museus como locais de salvaguarda e memória canonizadas ou rememorativas, sem elementos críticos. Não seria mais o trabalho com a memória enquanto objetivo.

A proposta de “museu-fórum” viria na direção contrária e estabeleceria uma gramática que recusa um modelo único de museu e seria um museu que trabalharia com problemáticas históricas na perspectiva dialética. Seria a possibilidade de não trabalhar com as perguntas que solicitam dados ou informes sobre datas, fatos ou nomes de certas personalidades. Operar com problemas históricos significaria um trabalho com questões postas pela dinâmica social. Dessa forma, iniciamos a dialogia com essa questão: Solicitei às docentes que falassem sobre o que elas ressaltariam de relevante para os estudantes na prática educativa mediada por outro ambiente, no caso museu e por uma obra de divulgação científica.

Professora Margarida: Como eu falei na primeira pergunta a educação está para além dos muros da escola.

Então eu acho que a primeira coisa, você proporcionar ao aluno uma visita a um local cultural, ele saber que ele tem acesso a esse patrimônio, o museu está lá para visitar e eu acho que muitos meninos, principalmente na nossa escola, escola pública, eles só vão a primeira vez ao museu via escola. Então essa apropriação desse espaço público cultural é muito importante para ele mesmo, para ele ver que ele tem outros locais, que ele pode participar e pode aprender para além da escola.

Até mesmo porque a escola, ela fica muito engessada em uma aula que ele tem lá em duas horas. É talvez um conteúdo de um ano inteiro, ele está vendo, ele está resignificando.

Eu acho que o ponto mais alto desse trabalho foi a questão do trabalho do arqueólogo, a visita que eles tiveram no laboratório do Cartelle aproximou eles do trabalho científico, então eles viram que não é difícil, não é uma coisa de livro nem de televisão, nem de documentário, tiveram acesso, tocaram nos fósseis e puderam conversar com o Cartelle e isso eu acho que fez muita diferença, porque eles viram que é possível, que não

esta tão distante deles o conhecimento. (Trecho de entrevista com a professora Margarida em 8 de outubro de 2014, p. 3) (Grifos nossos).

Professora Rosa: A melhor forma de aprender é no diferente, então, eu podia fazer isso mesmo com o texto informativo na sala de aula com estudo dirigido numa aula expositiva. A experiência do museu com a experiência literária, ela é muito mais efetiva para a compreensão de um menino especialmente nessa idade que eles ainda estão desenvolvendo essas estruturas cognitivas para realizar abstrações mesmo para ele chegar a níveis de abstração. A literatura e o museu, eles são formas concretas para ele lidar com essa experiência abstrata que é a história. A história é uma experiência abstrata, então o museu e literatura eles trazem para esses meninos de 11, 12 anos essa possibilidade. (Trecho de entrevista com a professora Rosa em 17 de setembro de 2014, p. 3)

A análise das falas das docentes expressam, de certa maneira, muitas das questões por elas desenvolvidas em suas práticas. Apresenta também o processo ensino-aprendizagem efetivado e que as mesmas promovem práticas com uma grande percepção do porque estão fazendo.

Também me foi possível perceber questões que envolvem o direito à cidadania, o direito à cidade, do usufruto do patrimônio e uma ampliação da percepção do aprender em outros ambientes não formais.

A análise da fala também indica outras questões relativas ao fazer docente, como por exemplo, as questões que envolvem o formato das aulas e seu engessamento. Também desperta para as possibilidades de que aprender é um estar no mundo e com o mundo, deixar que essa possibilidade seja despertada nos educandos, em especial, como relata a professora Margarida, em estudantes de escolas públicas.

A docente também explicita a questão dos espaços públicos, da percepção de que outros ambientes promovem aprendizagem e essa prática vai realmente muito além do que foi visto em sala de aula. Ela

poderá despertar outras possibilidades, outras visões de mundo e deslocamento pelo mundo.

Também no trecho citado, a docente expressa a possível potencialidade da prática por ela desenvolvida juntamente com o coletivo de sua escola quando afirma que ela poderá ressignificar o conteúdo de um ano inteiro. Ela não se restringe ao conteúdo desta temática, vai além. Muito além de uma ideia de “museu-templo” e de práticas que vão a outros ambientes para confirmar o que foi visto em sala de aula.

Já a análise da resposta da professora Rosa indica outros pontos e amplia a reflexão para outros elementos constitutivos de sua prática e/ou de práticas docentes no ensino de história. Indica uma percepção muito grande e uma reflexão sobre seu trabalho quando enuncia que “eu podia fazer isso mesmo com o texto informativo na sala de aula com estudo dirigido numa aula expositiva”. Porém, a docente afirma que a experiência em outro ambiente, mediada pela literatura para seus alunos naquela determinada faixa etária, seria muito mais efetiva para compreensão.

Nessa perspectiva adotada pela docente, “a literatura e o museu, eles são formas concretas para ele lidar com essa experiência abstrata que é a história”.

A promoção da atividade teria, portanto, a concepção de que o espaço da sala de aula não poderia proporcionar as condições pedagógicas necessárias para aquele conteúdo e sua abstração.

Em outra questão, instigamos as docentes a explicitar como a Literatura pode contribuir para o ensino de história e sua relação com o museu.

P: De que forma a literatura pode auxiliar no ensino de história? E a relação entre a literatura os museus e o ensino de história, obtive a seguinte resposta.

Professora Margarida: A gente aqui na escola tem uma parceria muito grande com a literatura, é uma professora que se dispõe a dar esse material e a gente faz um trabalho já há quatro anos, literatura e história. Então, todo assunto que a história está trabalhando a gente elege alguns para trabalhar com a seleção de livros pra literatura.

Então esse ano a gente trabalha a parte do livro, parte da proposta do livro [...], o nosso foco com três turmas foi o livro do Cartelle e eles leram o livro e fizeram todas as análises literárias a partir do livro e na história a gente tentando dar um embasamento teórico sobre o cenário retratado no livro e o museu, para poder puxar esse gancho mais concreto da literatura e da história.

Então o que eu percebi, que muitos meninos não iam ao museu e tinham começado a ler o livro e após ir ao museu, quando eles leram o livro eles tinham outra visão, eles conseguiram imaginar, por exemplo, a questão do cerrado, toda a descrição do cerrado eles remeteram ao museu e também a questão dos fosséis, a questão de tudo isso, então essa nossa discussão a partir do livro ela foi muito rica e eu acredito que pra muitos meninos fez uma diferença muito grande e muitos falaram que querem ser pesquisadores (Trecho de entrevista com a professora Margarida em 8 de outubro de 2014, p. 2)

Professora Rosa: A literatura e a arte, elas são frutos da história, então toda expressão de arte e toda expressão de literatura é um retrato do tempo que se vive.

E essa literatura do Aur e Nia, ela não é uma literatura produzida naquele tempo, mas ela foi produzida a partir de pessoas experientes de pessoa pesquisadora que é o professor Cartelle, ele sabia sobre o que estava

dizendo, consegue através da literatura uma linguagem que ela é mais palatável para um menino especialmente os menores do 6º na.

E a construção da história de duas crianças, que em certa medida se aproxima um pouco da experiência de ser criança ou de ser adolescente e de como que se vivia, como que crianças ou pré-adolescentes viviam naquela época, então isso foi emblemático pros os meninos eles ficaram curiosos, eles já não queriam ler aquela parte que especificava as questões mais no sentido da pesquisa. Eles ficavam querendo pular pra ler a história do Aur e Nia;

Então significa que a parte da literatura ela construiu talvez até mais do que aquele momento que estava o relato do que seria o processo científico, sobre a construção daquela literatura, então a literatura foi importantíssima e é em outras experiências da sala de aula também ela continua sendo muito importante. (Trecho de entrevista com a professora Rosa em 17 de setembro de 2014, p. 2)

Percebi que a marca destas questões ultrapassam o trabalho com a literatura para o mero complemento e para além de uma simples ilustração. Embora, ilustrar, como no caso de estudantes do sexto ano faça muita diferença no processo ensino-aprendizagem.

A imaginação, destaque presente na fala da professora Rosa, instigada pela literatura pode ser percebida ou entendida como elemento dentro da prática desenvolvida e dos tempos dessa prática: pré-visita, visita e no pós-visita, como quesito fundamental a uma educação por meio dos museus e em sintonia que as questões da estética (2009) do sensível trabalhadas por Rancière.

A obra: Os Meninos da Planície: história de um Brasil antigo, na fala da docente, possibilitou conexão entre os tempos imbricados na prática e a imaginação incentivada pela leitura dos elementos apresentados e pode

ser conectada posteriormente, no momento da visita e no momento do pós-visita.

A literatura, segundo Ítalo Calvino (1997, p. 19-20), sempre se abre a outros caminhos a explorar, e, segundo o autor, pode mudar nossa imagem do mundo. A imaginação no relato em destaque possibilitou uma interligação entre elementos do museu, da própria obra, e do que considero essencial ou central na prática aqui analisada, a busca pela promoção do ensino da história por meio do conteúdo da Pré-história brasileira.

Ainda, segundo Moraes (2013, p. 2-3), a inserção de textos literários, de orientação diversa dos textos historiográficos, dos didáticos ou daqueles que foram formulados por meio da cultura histórica ou da memória, “podem vir a produzir insights, ou dito de outra maneira, crescimento da experiência cognitiva sobre os padrões ou fórmulas de interpretação do passado”, às quais acrescento também a potência desenvolvida pelo ato imaginativo proporcionado por tal literatura.

Dentro dessa concepção que adoto nessa reflexão, devo salientar que creio também que a literatura, como enuncia Sevcenko (1989), não é considerada aqui uma ferramenta inerte com que se engendre ideias ou puras fantasias somente para um deleite do leitor. Para o autor, a literatura é um ritual complexo que, se devidamente conduzido, teria o poder de construir ou modelar simbolicamente o mundo.

Pude identificar também que se trata de uma prática que já é realizada há algum tempo, como os relatos indicam. Realizada com apoio de outros docentes, de literatura e/ou apenas com a docente de história. Trabalho que busca fazer a conexão da prática que estava sendo elaboradae foi desenvolvida.

Em outra parte, as conexões se apresentam e reverberam além dos espaços da sala de aula e provavelmente para além das expectativas das

docentes e de minha própria expectativa. Reverbera também quando a professora Rosa destaca em sua fala que os estudantes ficaram curiosos e pularam as partes do livro que tratavam de questões específicas sobre a ciência e foram para os capítulos que tratavam exclusivamente dos Meninos da Planície: Aur e Nia.

Ou seja, as recepções são diversas, as leituras e releituras também podem ser. Para alguns o interesse foi mais sobre o aspecto científico da construção do saber, talvez mais pertinentecom a faixa etária do nono ano, ou não. Já com outros sujeitos, o que marca mesmo é a aventura de crianças, a curiosidade e o enredo em si.

Para finalizarmos, em outro trecho dos dados coletados, identifiquei outros elementos que cotejam aspectos semelhantes aos desta seção. As reverberações podem indicar análises muito interessantes do que se processou dentro desta complexa prática educativa e, além disso, que as recepções podem ser múltiplas, impactantes e promover um processo de conhecimento historicizado de nossa presença no tempo. Vejamos,

Estudante: Igual hoje eu falei na aula da [...], que a criatividade que eles tinham. Eles faziam bracelete com dente de macaco, quem ainda não estudou, não pensa que eles eram vaidosos como a gente hoje em dia, e também a inteligência deles tinham, a opinião que eles tinham. (Trecho de seminário na escola B – turma D - no dia 22/09/2014 p. 1).

A aluna, em suas reflexões, faz um movimento temporal empático. Parece que ela rompe com certas ideias já pré-concebidas ou estabelecidas acerca da vida no passado. Ela entra em contato com a narrativa acerca dos jovens da pré-história e efetua uma avaliação ou apreciação daquela situação ou de certos aspectos vividos pelos personagens à luz de suas próprias experiências. Ela vai muito além do que está escrito na obra e no museu.

Parece que existiu por parte dela uma ruptura fundamentalmente com a noção de evolução atribuída ao progresso, ou como sinônimo de progresso.

Em outros trechos do seminário, na escola B, obtive outros elementos analíticos ainda dentro desta seção sobre os impactos da literatura, o ensino de história e os museus mediando as reflexões e as reverberações na prática de ensino.

Por fim, dentro de tantas reverberações, nesse trecho selecionado para esse texto é possível identificar uma prática educativa e uma ação educativa pela prática. Pela prática da leitura de uma obra diferente do livro didático, de uma prática de visita a ambientes museais e uma prática de proporcionar aos seus educandos momentos de fala, de reflexão para outras questões do conhecimento e do conhecimento histórico. Também é uma evidência de uma apreensão mais complexa da temporalidade expressa pelos estudantes que participaram dessa prática.

Considerações

A pesquisa elucidou aspectos da relação escola-museu, e nela do uso da literatura, na prática docente, colocando em discussão a relação entre as práticas e os saberes docentes no campo do conhecimento histórico.

As escolas pesquisadas ofereceram nas práticas empreendidas e nas diversas áreas envolvidas “janelas” abertas para o despertar de outras “paisagens”, a partir da leitura da história em diálogo a literatura. E também expectativas criadas nos estudantes e todo trabalho formativo envolvido nessa relação que se concretiza por meio de ações, atividades, reflexões e momentos formativos na pré-visita, na visita escolar e no pós-visita.

As principais contribuições da pesquisa dizem respeito à relação estabelecida entre os docentes e os ambientes culturalmente estruturados

(como os museus), e os processos pedagógicos por eles desenvolvidos por meio de artefatos culturais (como os livros literários), com vistas à promoção de um ensino de história que considere os usos do passado e as formas de percepção das temporalidades pelos estudantes por meio da promoção de uma prática pedagógica significativa.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1992.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o novo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

CARTELLE, Cástor. *Os meninos da planície: história de um Brasil Antigo*. Ilustração Sandra Bianchi. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Do Teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Ser. V. p.9-42 jan./dez. 1994.

_____ > Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL Diana Gonçalves. (Orgs.). *Museus: do gabinete de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentum; Brasília: DF, 2005. p 15-84.

MORAES, Dislane Zerbinatti. Aprender História com textos literários: entre modelos de interpretação e construção de significados históricos em sala de aula. In: XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social, 2013, Natal - RN. XXVII *Simpósio Nacional de História* - ANPUH. Natal - RN: ANPUH - Nacional ANPUH - RN, 2013. p.1-11.

PEREIRA, Júnia Sales. Viajando através da carne: História, rastro e esquecimento na educação em museus. Texto preliminar escrito para a apresentação na mesa redonda “A história no museu – temas, práticas e diálogos transdisciplinares” Projeto Diálogos Labepeh, outubro de 2009, Belo Horizonte e no *VII Encontro Nacional Perspectivas para o Ensino de História*, novembro de 2009, Uberlândia.

PIASSI, Luis Paulo. Ficção científica nas aulas de física. In: PINTO, Gisnaldo Amorim (Org.). *Divulgação científica e práticas educativas*. Curitiba: Editora CRV, 2010, p.87-112.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu e o ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.